

**ENSINANDO O VERBO TOMAR: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL COM
CONTRIBUIÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS EM UMA AMOSTRA DE FALA
VILABOENSE**

**TEACHING THE VERB *TOMAR*: A FUNCTIONAL APPROACH WITH
SOCIOLINGUISTIC CONTRIBUTIONS IN A *VILABOENSE* SPEECH SAMPLE**

VIEIRA, Marília Silva Vieira¹
OLIVEIRA, Cleiton Ribeiro e²

Resumo: O presente trabalho investiga o verbo *tomar* na Cidade de Goiás, antiga capital do estado homônimo, a fim de lançar luzes sobre novas categorizações de tal item a partir de usos reais, registrados no *cópus* de fala da comunidade em estudo, com vistas a possíveis contribuições para o ensino de Língua Portuguesa. A análise é feita sob o prisma da Linguística Funcional Centrada no Uso (HOPPER e THOMPSON, 1980; CUNHA e SOUZA, 2007), aliada à metodologia de coleta de dados e de interpretação de resultados atinentes à Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972; 1994), a partir da qual se estratifica a amostra com base em faixa etária e sexo/gênero. As ocorrências de *tomar*, por sua vez, são categorizadas em verbo suporte, verbo pleno, verbo estendido e construções cristalizadas. A análise dos dados revela predominância de usos das funções menos gramaticalizadas do verbo, respectivamente, suporte e estendido, com correlações específicas entre sexo/gênero e faixa etária em cada uma das categorias supramencionadas.

Palavras-chave: Tomar. Cidade de Goiás. Uso. Sociolinguística. Ensino.

Abstract: The present work investigates the verb *tomar* in Goiás City, former state capital of same name, to shade lights about new categorizations of such item based in real use, registered in the corpus of speech of the studied community, with approaches to possible contributions to Portuguese teaching. The analysis is made under the light of Usage-Based Functional Linguistics (HOPPER and THOMPSON, 1980; CUNHA and SOUZA, 2007), allied with the data collecting methodology and results interpretation subject to Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972; 1994), from which the sample is stratified base on group age and sex/gender. These *tomar* occurrences are categorized in support verb, full verb, extended verb and crystallized constructions. The data analysis reveals a predominance of uses of less grammaticalized functions of the verb, respectively, support and full verb, with specific correlations between sex/gender and group age in each of the categories prior mentioned.

keywords: Tomar. Goiás City. Use. Sociolinguistics. Teaching.

¹ Professora do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás (Câmpus Cora Coralina).

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás (Câmpus Cora Coralina).

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em uma pesquisa funcionalista baseada na Linguística Funcional Centrada no uso que acredita, segundo Cunha, Bispo e Silva (2013), que a língua está em constante mudança e que existe uma gramática que emerge do uso, das experiências e das necessidades dos falantes.

Bebedo das fontes da Sociolinguística (Labov 1972, 1994), o trabalho conta com uma metodologia de coleta de dados baseada nos pressupostos de um estudo da língua falada em seu contexto social, em situações reais de uso, em uma comunidade linguística que é, de acordo com Alkmin (2004, p. 31), “um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos”.

. A Cidade de Goiás, antigamente conhecida como Vila Boa de Goiás, completa, em 2017, 290 anos; é Patrimônio Histórico da Humanidade e foi, até 1937, a capital do Estado de Goiás, antes da transferência da sede para a cidade de Goiânia.

Com o intuito de compor uma amostra representativa da fala vilaboense, este trabalho constitui-se de oito inquéritos gravados na Cidade de Goiás, no estado homônimo, para o projeto do Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal de Goiás, intitulado “Fala Goiana”. Cada inquérito consiste em uma entrevista de uma hora, realizada de acordo com os padrões de coleta de dados labovianos (LABOV, 1972; 1994).

As entrevistas estão estratificadas da seguinte forma: quanto à faixa etária – quatro inquéritos de 20 a 35 anos (dois deles masculinos e dois femininos) e quatro inquéritos de 36 a 50 anos (também segmentados em fala masculina e feminina); quanto ao sexo/gênero – quatro com homens e quatro com mulheres. Todos os falantes têm o ensino fundamental incompleto.

Além da metodologia de coleta de dados, o olhar sociolinguístico do trabalho com relação ao *córpus* analisado revela-se na premissa de que uma boa compreensão do funcionamento de uma língua perpassa a análise dos fatores extralinguísticos que possam atuar como possíveis influenciadores dos fenômenos de variação e mudança. Sendo assim, o estudo levou em consideração os fatores sexo/gênero e faixa etária para analisar o perfil social do vilaboense com base nas diferentes acepções que realiza do verbo *tomar*.

O verbo estudado foi escolhido por ser produtivo no português brasileiro e também por sua alta produtividade na fala da Cidade de Goiás. Assim, investiga-se como a transitividade é abordada em uma perspectiva tradicional, tanto em gramáticas (Bechara, 2009; Cunha e

Cintra, 2011) como em livros didáticos (OLIVEIRA, AMORIM e ROCHA, 2009). Em seguida, com base nos postulados de Hopper e Thompson (1980) e Cunha e Souza (2007), este trabalho faz considerações sobre transitividade adotando uma perspectiva funcional.

Após essas definições iniciais sobre a transitividade, o trabalho atenta para algumas questões como a noção de verbo pleno, verbo suporte, verbo estendido e verbos que compõem expressões cristalizadas. Além disso, aborda também um *continuum* de gramaticalização e as diferentes acepções que *tomar* assume na fala vilaboense. A partir disso, verifica-se se existe alguma especificidade de uso do verbo *tomar* em relação ao perfil social dos participantes da pesquisa.

Foi investigado, após as definições acima, se existe algum fator extralinguístico que possa favorecer determinado uso do verbo *tomar*, se o fator sexo/gênero ou faixa etária influencia na escolha do verbo como pleno, estendido, suporte ou como parte de uma expressão cristalizada.

Por fim, o trabalho reflete: a) sobre como a gramaticalização de *tomar* e as questões sobre a acepção que o professor assume sobre transitividade podem ser determinantes para o ensino da gramática; b) sobre como a perspectiva sociolinguística pode contribuir para uma postura mais científica perante o ensino de língua.

1. A transitividade

Em um prisma tradicional, tanto Bechara (2009) quanto Cintra & Dutra (2011) postulam que a transitividade está centrada no verbo. Nesse sentido, os termos *verbos transitivos* e *verbos intransitivos* são constantemente utilizados para categorizá-los. Sob essa ótica, o *verbo transitivo* estabelece, normalmente, uma ligação direta com o objeto que o acompanha:

1. e/u lá na esquina lá de cima lá e/u com o estilingui lá eu pequei e mirei o istilingui top e foi bem na testa dela...foi uma só... e/u fiz brincano num foi por maldade... oh dia qu/eu **tomei taca** tamém... mais foi uma surra mais foi daquela... (Masculino, 36 anos, grifo nosso)

Nota-se que, pela teoria tradicional, a diferença entre o verbo transitivo direto e o verbo transitivo indireto é baseada na ausência de uma preposição como termo de ligação entre o

verbo e seu complemento, como no exemplo *tomei ϕ taca*. O verbo intransitivo é aquele que não transitiva para outro elemento da oração, uma vez que ele já é completo em si mesmo e, sendo assim, não requer o uso de um complemento para ter sentido.

2. falei Irmã Regina num vô caçá mais casa num vô fazê mais nada vô ficá é aqui... inda falei assim se o Osmar quizé **tomá as providença** dele ele pode **tomá** qu/eu num vô mexê com nada larguei de tu... larguei de mão num vô caçá casa mais não eu vô é orá... (Feminino, 33 anos, grifo nosso)

Pela tradição, a segunda ocorrência do verbo *tomar*, no exemplo 2, é a de um verbo intransitivo, já que não é utilizado com complementos, como se o verbo em si não precisasse de um objeto para que seu sentido fosse compreendido.

Sendo assim, seguindo a noção tradicional de transitividade abordada por Cunha & Cintra (2011) e Bechara (2009), o verbo *tomar* poderia ser classificado como transitivo direto e intransitivo, o que demonstra que a análise isolada do verbo não seria suficiente para classificá-lo. É necessário ater-se também a seus complementos e, ainda assim, não seria suficiente para classificá-lo como sendo X ou Y, sendo que as acepções que o verbo assume diante de seus diferentes usos não são as mesmas.

Além disso, no trecho “ele pode **tomá** qu/eu num vô mexê com nada”, do excerto 2, o verbo é empregado sem o objeto, pois o objeto é passível de ser recuperado em seu uso anterior. Por isso, pode-se dizer que o verbo *tomar* nessa instância, mesmo sendo utilizado sem um objeto, não poderia ser intransitivo, uma vez que ele exige um objeto que pode ser recuperado pelo contexto. Sendo assim, mesmo sem o objeto direto, o verbo é transitivo direto.

É notório que, mesmo sem o conhecimento teórico a respeito da transitividade, os falantes fazem o uso do verbo de diferentes modos de forma natural, conseguindo empregar um verbo que é, como classifica a gramática tradicional, transitivo, em várias instâncias de transitividade.

Pensando nisso, fica evidente a necessidade de pesquisar o tratamento que vem sendo dado à transitividade nos livros didáticos. A pesquisa de Oliveira, Amorim e Rocha (2009) mostra que existe uma grande deficiência na abordagem desses manuais quanto à definição da transitividade verbal. As estudiosas constataram que os livros didáticos trazem uma repetição das definições que as gramáticas tradicionais fazem a respeito da transitividade e não consideram os avanços dos estudos linguísticos sobre o assunto. Assim, aborda-se apenas o uso

prototípico dos verbos, sem considerar a capacidade produtiva do falante em empregar o item de forma atípica e sem considerar os contextos de variação linguística.

Oliveira, Amorim e Rocha (2009) ainda mostram que os professores se tornam seguidores fiéis de uma gramática tradicional e pouco fazem ou levam seus alunos a fazerem reflexões sobre o uso da gramática.

Logo, a forma como a transitividade é retratada pelas correntes funcionalistas pode elucidar um pouco melhor as mudanças pelas quais o verbo pode passar em relação à transitividade, de acordo com suas características semântico-funcionais e dos outros elementos que são empregados na oração.

2. A transitividade em uma perspectiva funcional

Cunha e Souza (2007), ao classificarem um verbo como transitivo, apoiam-se em uma ideia que não se enquadra totalmente na concepção de transitividade da tradição. Desse modo, negam a existência de um verbo intransitivo, pois até mesmo os verbos que não exigem um complemento têm seu sentido transitado para outros elementos da oração.

Nesse sentido, Cunha e Souza (2007), Hopper e Thompson (1980) apresentam um esquema que torna possível classificar o verbo como sendo mais ou menos transitivo, de acordo com sua natureza e os elementos utilizados na oração:

Quadro 1: Parâmetros de transitividade (Hopper; Thompson, 1980, p. 252)

Parâmetros	Transitividade alta	Transitividade baixa
1.Participantes	dois ou mais	um
2.Cinese	Ação	não-ação
3.Aspecto do verbo	Perfectivo	não-perfectivo
4.Pontualidade do verbo	Pontual	não-pontual
5.Intencionalidade do sujeito	intencional	não-intencional
6.Polaridade da oração	afirmativa	negativa
7.Modalidade do oração	modo <i>realis</i>	modo <i>irrealis</i>
8.Agentividade do sujeito	agentivo	não-agentivo
9.Afetamento do objeto	Afetado	não-afetado

10.Individuação do objeto

individuado

não-individuado

Barros (2011) mostra que, a partir desses pressupostos, é possível perceber que a transitividade ocorre de forma gradiente, com maior ou menor intensidade, dependendo de todos os elementos que compõem a oração e também da acepção do verbo. Ademais, os parâmetros de Hopper e Thompson (1980) salientam que, para que a transitividade seja analisada em uma oração, é necessário observar os contextos de significação (Oliveira, 2015), ou seja, os contextos que podem levar um verbo a assumir determinada acepção e, assim, determinada transitividade.

O verbo *tomar*, nas seguintes instâncias, apresenta diferentes níveis de transitividade:

3. e todo mundo qué robá:::... qué fazê maldade... a nem... esses tempo mesmo... pegaram meu primo... e **tomô o dinheiro** dele (Feminino, 28 anos, grifo nosso)
4. nem ia na igreja... num ia mais meu esposo aí eu resolvi **tomei uma decisão** i passei pra igreja de Cristo hoje graças a Deus eu sô crente não arrependo de sê crente gosto muito... (Feminino, 33 anos, grifo nosso)

Em 3, o verbo assume um alto grau de transitividade ao transferir sua relação para mais de um elemento da oração, envolvendo, assim, mais de um participante: *quem toma + o que é tomado + de quem se toma*; além disso, o verbo também causa afetamento do objeto e o participante que desencadeia a ação é altamente agentivo.

Em 4, embora haja apenas um participante que desencadeie a ação, não há afetamento do objeto. Sendo assim, o verbo em análise demonstra um grau de transitividade mais baixo em 4 do que em 3.

Em suma, somente com a análise de todo o contexto de uso seria possível analisar o grau de transitividade que o verbo assume em uma oração. Logo, determinar que o verbo é transitivo ou intransitivo, como mostra a gramática tradicional, parece inviável diante de usos não prototípicos.

Pensando no verbo *tomar* em particular, é importante fazer algumas considerações para além da transitividade antes de analisar os usos prototípicos da amostra de fala deste trabalho. Para isso, com base no trabalho de Jesus (2014), serão tecidas algumas definições

sobre verbo pleno, verbo suporte, verbo estendido e verbos que compõem expressões cristalizadas, com excertos retirados do *cópus vilaboense*, a fim de que o potencial produtivo do verbo seja compreendido.

2.1. Tomar como verbo pleno

Verbo pleno, de acordo com Jesus (2014), é aquele que assume seu uso mais próximo a sua acepção primária. Os dicionários Michaelis (2009) e Houaiss (2004) concebem a origem do verbo *tomar* como obscura, embora Nascentes (1955) mostre a possibilidade de uma origem saxã, *tómian*. Adotando essa perspectiva, é possível encontrar, em Vasconcellos (1901), a acepção primária de *pegar, agarrar, capturar, requerer posse*, como em:

5. mas prima minha nós já brigô muito assim de brincaderinha mesmo de ficá de mal... de **tomá um boneco** uma dá otra já teve muito esses tipo de briga de escola não... (Feminino, 33 anos, grifo nosso)

6. é... () assim lá... as veizi usá o meu num devolver ô **tomáo que e meu** e ficá por isso né? (Masculino, 25 anos, grifo nosso)

7. uai... porque ele queria **tomá as muié** nossa lá da... as menina da nossa rua... aí nós num dexô... aí juntô a turma nossa a turma dele i:::... i nós rolô no chão lá... (Masculino, 38 anos, grifo nosso)

Nos três exemplos que ilustram o uso do verbo como sendo pleno, existe a transferência de posse de um objeto, passando de um elemento da oração a outro, o que configura a acepção de capturar o objeto e requerê-lo para si.

2.2. Tomar como verbo estendido

Como estendido, o verbo deixa de ter sua acepção original para assumir uma outra, mas conserva em si um forte traço semântico de origem, o que acontece, por exemplo, quando *tomar* assume a acepção de *ingerir* algo. Nesse caso, o item mantém o traço de trazer algo para

perto do seu referente. Como verbo estendido, existe a possibilidade de trocar o objeto do verbo sem que a aceção seja alterada:

8. mais passô:::... cabô o susto... **tomei uma água** ((risos))
(Feminino, 28 anos, grifo nosso)

9. falei irmã Regina eu num quento mais do jeito que tá minha vida num tem como... e meu esposo bibia e minha **toma remédio** pra dormi... remédio controlado né? não pode passá da hora de durmi... (Feminino, 33 anos, grifo nosso)

10. e eu fui lá tremeno de medo corri fui lá no João Francisco falei papai mamãe tá chamano pa í amoçá ele falô peraí só um poquim... aí tá ele **tomô seu útimogole** dele lá i eu vim tremeno... aí chegô lá meu irmão falô papai Mazim furô a minha bola... (Masculino, 33 anos, grifo nosso)

É possível notar que, por mais que se troque o complemento do verbo *-água, remédio, último gole -, tomar* continua com a mesma aceção, algo que não aconteceria se o verbo não fosse estendido.

2.3. Tomar como verbo suporte

Quando se comporta como suporte, o verbo transfere parte de sua aceção para seu complemento. Sendo assim, quando o complemento do verbo muda, sua aceção também se altera e passa a ser altamente ligada ao complemento, normalmente um sintagma nominal. Assim, o sentido do verbo começa a desbotar, não sendo possível analisar o verbo sem seu complemento:

11. meu esposo levô tudo na brincadera né? sempre brincano né? assim... ele tamém queria mais () que nem eu **tomava decisão** de í pra lá e nem ele né? e a gente foi ficano foi ficano igual ela falava costumô né? (Feminino, 33 anos, grifo nosso)

12. Aí istudava e trabaiava e estudava. Aí, trabaiava um pouco aí **tomava bain** muçava e ia pra escola, voltava ia trabaiá de novo. (Masculino, 25 anos, grifo nosso)

13. puis o cochão e tinha uma moita de capim eu::: dormi dentro dessa moita... aí eu fui trabalhando com es... e foi **tomano confiança** em

mim... aí:: i eu continuava dormindo lá dentro dessa moita de capim lá... aí eu peguei passei a conhecê otas pessoa... (Masculino, 30 anos, grifo nosso)

Para que seja suporte, o verbo passa a funcionar como um verbo cópula e pode ser substituído por um outro verbo de valor semântico semelhante. Sendo assim, em 11,a construção *tomava decisão* poderia ser substituída por *decidia*; em 12, *tomava bain* poderia ser substituído por *banhava-se*; e, em 13, *tomano confiança* por *confiando*.

2.4. Tomar como parte de uma expressão cristalizada

Como parte de uma expressão cristalizada, ocorre o emparelhamento de forma e significado e não há como desassociar o verbo de seu complemento sem alterar sua acepção. Também não há possibilidade de simplesmente substituir um verbo por outro sem que a oração seja alterada.

Nesse sentido, a construção é vista como um todo significativo único, não sendo possível analisar os componentes da construção de forma isolada:

14. É...porque eu **tomei um passo** viu?... um passo grande porque:: (Feminino, 33 anos, grifo nosso)

Na construção *tomei um passo*, tem-se a acepção de iniciar algo, de decidir-se, optar por algo e trabalhar em prol daquilo, mas não seria possível dizer *inicie um passo*, *decidi-me por um passo*, ou *optei por um passo*, sem que o valor semântico do verbo fosse alterado. Além disso, se o complemento do verbo é trocado, a acepção do verbo também é alterada. Sendo assim, *tomei um passo* é visto como um bloco significativo, como um todo significativo e, logo, como parte de uma expressão cristalizada.

3. OS USOS DO VERBO TOMAR EM UMA AMOSTRA DE FALA VILABOENSE

Foram encontradas ocorrências do verbo *tomar* como verbo pleno, estendido, suporte e como parte de uma expressão cristalizada, o que mostra que o item está sendo utilizado de forma produtiva pelos falantes analisados.

Do total de cinquenta ocorrências analisadas, elas se dividem quanto ao sexo/gênero: em vinte e seis utilizadas pelo sexo/gênero feminino e vinte e quatro pelo sexo/gênero masculino; quanto à faixa etária: em vinte e sete na primeira faixa etária (de 20 a 35 anos) e vinte e três na segunda faixa etária (de 36 a 50 anos), como ilustrado nas tabelas abaixo:

Tabela 1 – Sexo/gênero

Sexo/gênero	Ocorrências
Feminino	26
Masculino	24

Como indica a tabela 1, a variável sexo/gênero parece não influenciar no uso do verbo em questão, visto que as ocorrências encontram-se distribuídas de forma praticamente homogênea. Quanto ao uso de *tomar*, nota-se que, em sua totalidade, o verbo em questão é mais utilizado como suporte, sendo que, das cinquenta ocorrências, foram encontrados 26 registros do verbo como suporte; 14 ocorrências como verbo estendido; 6 ocorrências como verbo pleno e 4 ocorrências como parte de uma expressão cristalizada.

Tabela 2 – Usos de *tomar*

Usos	Ocorrências
Verbo suporte	26
Verbo estendido	14
Verbo pleno	6
Verbo parte de uma expressão cristalizada	4

O que pode ser analisado a partir dos dados apresentados é que, na fala vilaboense, o verbo vem sendo utilizado com funções e acepções variadas e que a maioria das ocorrências registradas correspondem a verbo suporte. A tabela 3, por sua vez, mostra os resultados obtidos por meio do cruzamento de sexo/gênero e faixa etária.

Tabela 3 – Faixa etária

Faixa etária	Ocorrências
20 a 35 anos	27
36 a 50 anos	23

Ao cruzar dados de faixa etária e sexo/gênero, nota-se que há equivalência quantitativa de usos do verbo suporte por parte de homens e mulheres de primeira faixa etária. Na segunda faixa etária, observa-se um grande desnível, com homens usando maciçamente o verbo suporte, enquanto as mulheres praticamente não o utilizam.

Tabela 4 – Cruzamento sexo/gênero x faixa etária

Usos	Ocorrências	Feminino	Feminino	Masculino	Masculino
		(20 – 35 anos)	(36 – 50 anos)	(20 – 35 anos)	(36 – 50 anos)
Verbo suporte	26	8	1	8	9
Verbo estendido	14	6	7	0	1
Verbo pleno	6	3	0	1	2
Parte de uma expressão cristalizada	4	1	0	1	2

Quando analisados os usos de verbo estendido, nas duas faixas etárias, é possível observar a liderança das mulheres, ao passo que o uso de tal forma na fala masculina é nula.

Quanto ao uso de verbo pleno, observa-se, mais uma vez, que as mulheres mais jovens utilizam com mais frequência o item *tomar* na função observada. Diferentemente dos dois casos já abordados, aqui, não é registrado nenhum uso de tal função na fala de mulheres mais velhas, enquanto os homens se mostram mais favoráveis a tal uso.

Como parte de uma expressão cristalizada, os registros de *tomar* são menos frequentes: na primeira faixa etária, há empate entre homens e mulheres; na segunda faixa etária, os usos concentram-se na fala masculina.

Em poucas palavras, os usos condizentes com os estágios menos gramaticalizados³ do *continuum*, respectivamente, verbo suporte e verbo pleno, parecem caracterizar a fala vilaboense. No primeiro caso, a segunda faixa etária favorece o uso de verbo suporte, o que pode aludir a uma possível implementação de tal função na comunidade analisada. Nota-se que os homens mais velhos favorecem esse uso. Partindo do pressuposto de que as mulheres tendem a utilizar as formas mais padrão (Chambers e Trudgill, 1980), tal fato

³ Para Castilho (2010, p. 982) o termo refere-se ao “trânsito de uma forma livre, menos gramatical, para uma forma ligada, mais gramatical”.

poderia denotar, a princípio, um prestígio não muito grande de tal uso, o que somente poderia ser comprovado por meio de uma amostra mais representativa.

Como verbo estendido, o quadro que se tem é diferente: falantes mais jovens são mais favoráveis ao uso de *tomar* nessa função, sobretudo mulheres. Por fim, os usos de *tomar* como verbo pleno e como parte de uma expressão cristalizada são pouco produtivos, e, de modo geral, parecem se concentrar na segunda faixa etária e na fala dos homens. Uma amostra mais robusta pode esclarecer os condicionamentos sociais do item nessas funções.

4. Contribuições para o ensino de gramática

Amorim (2003) mostra que os dicionários são utilizados pelos alunos e professores apenas a título de consulta ortográfica. As acepções ou a classificação gramatical dos vocábulos pouco são utilizadas. Nessa perspectiva, analisando-se o verbete de *tomar*, do dicionário escolar mini Aurélio, organizado por Ferreira (2002), não seria possível ter uma ideia geral do verbo em questão, uma vez que a obra traz apenas as definições de verbo transitivo direto e indireto, com algumas menções ao uso pleno e ao uso estendido.

Assim, usos do verbo como suporte ou como parte de uma expressão cristalizada não são abordados. É interessante observar que o uso mais comum de *tomar*, como suporte, não é considerado por Ferreira (2002).

Outro fator importante, como mostra Gregolin (2007), é que desde o início do século XX, quando as teorias formalistas e estruturalistas imperavam nas teorias linguísticas e as pesquisas da área se baseavam na forma da língua, o ensino que predominava no país era o da gramática normativa, uma gramática que ditava as regras virtualmente diferentes daquelas que regiam a fala e não previam o uso.

Nos anos 60, as teorias linguísticas começavam a abordar a análise do discurso e as teorias funcionalistas. Quando o uso da língua e seus contextos de significação começavam a ilustrar os estudos da área, as gramáticas do uso emergem e o ensino passa a se voltar para as situações de contexto de produção, para o uso da língua.

Gregolin (2007) mostra que, a partir dos anos 60, o que podia ser visto era a mudança na concepção de língua. A oralidade passou a ser vista como uma vertente importante para o desenvolvimento da língua e a heterogeneidade linguística se torna o objeto dos estudos linguísticos.

Desde então, a política para o ensino de línguas tem levado em consideração aspectos que vão além do simples ensino de uma gramática, mas que consideram a língua em uso. Foi no início da década de 80 que um documento com base nas teorias da Sociolinguística - *As novas propostas para o ensino de língua portuguesa* - trouxe a diversidade linguística para dentro do ensino de língua. Além disso, essa nova perspectiva começou a sinalizar o fim da dicotomia entre a oralidade e a escrita, admitindo que as duas instâncias se retroalimentam. Desse modo, o ensino adquire uma noção mais humanística e social (GREGOLIN, 2007). Assim, trabalhar apenas com a escrita começa a ser questionado, da mesma forma que decorar regras gramaticais, mas não entender suas aplicabilidades, começa a ser discutido.

De acordo com Gregolin (2007), são essas novas bases, do estudo do discurso, da intertextualidade, da Linguística do texto, da Linguística sociointeracional e da Sociolinguística Variacionista que formam os pressupostos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e começam a ditar uma nova era do ensinar.

Sendo assim, a contribuição das teorias linguísticas para o ensino da Língua Portuguesa deve ser, principalmente, a possibilidade do ensino de uma língua que seja realmente utilizada pelos seus falantes. Além disso, como mostra a autora, o trabalho com as variedades linguísticas, com os diferentes discursos, é uma forma de exercer cidadania e uma possibilidade de humanizar.

Essas considerações abarcadas por Gregolin (2007) mostram como o ensino da língua deveria ser. No entanto, segundo Antunes (2003), o ensino continua pautado em regras que, por vezes, não são aquelas utilizadas pelos aprendizes, e em usos que não são os dos brasileiros. Sendo assim, o verbo *tomar* continua sendo ensinado apenas como verbo transitivo direto e intransitivo, enquanto seus usos reais e toda sua potencialidade significativa são preteridos.

Portanto, ao adotar a perspectiva de que os verbos são puramente transitivos diretos ou intransitivos, o professor está impossibilitando que o aluno compreenda os usos de verbos como *tomar* em sua totalidade. Logo, dificultaria a compreensão das diversas vozes apresentadas por Barros (2011) e, desse modo, possivelmente, outros casos da gramática também não seriam passíveis de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, foi possível compreender um pouco sobre os usos do verbo *tomar* na comunidade de fala da Cidade de Goiás. A partir das análises realizadas, pode-se dizer que há um uso predominante do verbo em questão como pleno e suporte. Com base nessa primeira acepção, proporciona-se aos alunos um ensino de língua pautado em uma visão mais tradicional, à luz de sua função mais prototípica.

No entanto, em seu uso como suporte, o ensino tradicional não consegue lidar com a transição do verbo pleno para um verbo cópula. Sendo assim, uma abordagem mais funcional, baseada na Sociolinguística Variacionista, poderia contribuir com uma visão mais científica em relação à transitividade do verbo, uma vez que a escala de gradiência categorial adotada por essas teorias poderia mostrar ao falante que, a depender do uso, a acepção do verbo e sua própria categoria podem ser modificadas.

Além disso, um ensino baseado na heterogeneidade linguística, fator defendido pela Sociolinguística Variacionista (BORTONI-RICARDO, 2004), e incorporado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, valorizaria o uso que o falante faz do verbo, sem encaixá-lo em padrões virtuais de uma língua ideal, distante da realidade dos alunos.

Uma pesquisa com um *cópus* mais amplo seria determinante para distinguir com clareza e precisão os verdadeiros usos do verbo *tomar* na comunidade de fala vilaboense e postular hipóteses sobre as mudanças observadas no uso desse verbo.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

AMORIM, Karine Viana. **O dicionário: do livro didático à sala de aula**. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARROS, Déborah Magalhães de. **Aspectos funcionais relativos ao (des)uso do reflexivo**

no dialeto goiano (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Goiás: Goiânia, 2011

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, MEC/SEF, 1998.

CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (Org.) **Linguística Centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013, p. 13-39.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

CUNHA, Celso & CINTRA, L. F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **MiniAurélio século XXI: escolar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à linguística: objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2003.

GOLDBERG, A.E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. New York: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S.C.L. et al. Tratado Geral sobre gramaticalização. In: CASSEB-GALVÃO; LIMA-HERNADES, M.C.; GONÇALVES, S.C.L. **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007, p. 15-66.

GREGOLIN, Maria do Rosário. O que quer, o que pode esta língua? Teorias linguísticas, ensino de língua e relevância social. In: FARACO, Carlos Alberto et al. (Orgs). **A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino**. São Paulo: Parábola; Ponta Grossa: UEPG, 2007. P. 52-77.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. **Transitivity in grammar and discourse**. Language, vol. 56, n. 2, Baltimore, 1980.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. O Verbo. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, M. H. M. (Org.). (Coordenado por Ataliba T. de Castilho). **Gramática do português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção**. v. 2. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2008.

JESUS, Lavínia Rodrigues de. **O uso do verbo tomar no Português escrito dos séculos XIV, XVII e XX**. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

MARTELOTTA, M.E.; VOTRE, S. CEZÁRIO, M.C. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**, 1996.

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Edouard Champion, 1948 [1912].

MICHAELIS, *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2004.

ROSÁRIO, I. C. do, Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões, In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (org). **Linguística centrada no uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 36-50.

SANTOS, Elisângela Santana. **A polissemia do verbo “tomar” ao longo da história da língua portuguesa: um estudo à luz da linguística cognitiva**. Programa de Pós-Graduação em Letras (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

TOMASELLO, M. **Origins of Human Communication**. Cambridge, MA: MIT Press, 2008.

OLIVEIRA, Aline Moraes; AMORIM, Carmelita Minélio da Silva; ROCHA, Lúcia Helena Peyroton da. **Verbos e transitividade verbal em livros didáticos**. Anais do XIII CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009, p.2775.

OLIVEIRA, M. R. Contexto: definição e fatores de análise. IN: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I.C. **Linguística Centrada no Uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina x FAPERJ, 2015. p. 22-35.

VASCONCELOS, Augusto Ponto Duarte. **Diccionario homophonologico da língua portuguesa**. Porto, Figueirinhas, 1901.

